

**CASIMIRO DE ABREU – SOB O SIGNO DO CORPO / CASIMIRO  
DE ABREU – UNDER THE SIGN OF THE BODY**

Cidália DINIS\*

**RESUMO**

Considerado por muitos como um dos poetas mais populares do Romantismo brasileiro, Casimiro de Abreu (1839-1860) é o poeta da saudade, da infância, da natureza. A sua poesia é muito mais do que a mera simplicidade ou sentimento. É a sensualidade contida aliada ao *corpo* como expressão convencional da paixão, da sedução, mas também do sofrimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia. Romantismo. Corpo.

**ABSTRACT**

*Considered by many as one of the most popular poets from the Brazilian Romanticism, Casimiro de Abreu (1839-1860) is the poet of nostalgia, of childhood, of nature. His poetry is much more than pure simplicity or feeling. It is the restrained sensuality coupled with the body as a conventional expression of passion, seduction and suffering.*

**KEYWORDS:** Poetry. Romanticism. Body

---

\* Bolsista de pós-doutorado em Literaturas e Culturas Românicas (FCT/POPH/QREN/UE). Pesquisadora do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” da Universidade do Porto – UP. Porto – Douro Litoral – Portugal. E-mail: cidaliadinis@sapo.pt

## *Lembrança*

### *Num Álbum*

*Como o triste marinheiro  
Deixa em terra uma lembrança,  
Levando n'alma a esperança  
E a saudade que consome,  
Assim nas folhas do álbum  
Eu deixo meu pobre nome.  
E se nas ondas da vida  
Minha barca for fendida  
E meu corpo espedaçado,  
Ao ler o canto sentido  
Do pobre nauta perdido  
Teus lábios dirão: - coitado! (ABREU, 1866, p. 221).*

Abre-se o *álbum d'As Primaveras* e com ele renasce todo um mundo de recordações íntimas, perpassadas pela dor, pela melancolia de uma alma que irrompe incessantemente pelos meandros do passado, presente e futuro.

Ao folhearmos essas páginas consumidas pela «lembrança», pela realidade perturbadora e pelo tormentoso conflito entre o desejo e a morte, encontramos a voz de um poeta que pulsa “levando n'alma a esperança” (Abreu, 1886, p. 221) e no corpo o néctar das paixões. O leitor vê-se, assim, envolto por uma poesia que é muito mais do que a mera simplicidade ou sentimento; é a sensualidade contida, aliada ao *corpo* como expressão convencional da paixão, da sedução, mas também do sofrimento. O difícil não é, por isso, identificar na sua escrita a evocação sombria da condição humana, mas sim encontrar um fio de Ariadne para o labirinto que foi esculpindo sob o signo do *Corpo*. Ao tentarmos penetrar no universo poético de Casimiro de Abreu, colocamos, desde logo, perante duas questões fundamentais: o que é o *Corpo*? De que forma o *Corpo* vai renascendo no interior profundo de cada poema?

O *Corpo*, enquanto símbolo, é tudo aquilo que no ser é passível de ser tocado, que possui uma forma e através da qual existe contacto com o exterior, é então a exterioridade percebida – o mundo dos corpos, desvalorizado em relação ao espírito; a

parte que permanece rebelde perante a nossa vontade. O corpo surge, deste modo, como objecto tangível, opondo-se à alma; é o túmulo, perecível e mortal, que induz a alma na constante procura pela libertação, pela aspiração a um mundo eterno, onde Deus nada mais é do que a luz profunda, símbolo patristico do mundo celeste e da eternidade. A trilha traçada por cada um de nós até ao interior de si mesmo será, no fundo, a marca da vitória do espiritual sobre o material e, ao mesmo tempo, do externo sobre o perecível:

### BALSAMO

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras  
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!  
A morte lhe roubára d'um só golpe  
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,  
E deixou-a sósinha e desgrenhada  
—Estatua da afflicção aos pés d'um túmulo!—  
O esqualido coveiro p'ra dous corpos  
Ergueu a mesma enxada, e n'essa noite  
A mesma cova os teve!

E a mãe chorava,  
E mais alto que o choro erguia as vozes!

No entanto o sacerdote—fronte branca  
Pelo gelo dos annos—a seu lado  
Tentava consolal-a.

A mãe afflicta  
Sublime d'esse bello desespero  
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema  
Toldava-lhe a razão no duro trance.

«Oh! padre!—disse a pobre s'estorcendo  
Co'a voz cortada dos soluços d'alma—  
«Onde o balsamo, as fallas d'esperança,  
«O allivio á minha dor?!»

Grave e solemne,  
O padre não fallou—mostrou-lhe o céu!

(ABREU, 1866, p.144)

A concepção do Corpo de Casimiro de Abreu parte, pois, de uma antítese Vida/Morte, que se desdobra em alguns pares antinómicos centrais aos seus *Segredos*: vida/sonho; material/ espiritual; temporal/ eterno; Alma/ Corpo. É em torno desses eixos que a sua visão do mundo se articula e polariza, reconduzindo cada um de nós ao espírito de uma obra e ao modo como ela se relaciona com o sofrimento, a palavra, a efemeridade

da vida, o Céu enquanto «bálsamo de esperança» e a imagem do corpo da amada como apaziguadora do seu padecimento e delírio:

Eu soffro;—o corpo padece  
E minh'alma se estremece  
Ouvindo o dobrar d'um sino!  
Quem sabe?—A vida fenece  
Como a lampada no templo  
Ou como a nota d'um hymno!

A febre me queima a fronte  
E dos tumulos a aragem  
Roçou-me a pallida face;  
Mas no delirio e na febre  
Semprè teu rosto contemplo,  
E serena a tua imagem  
Vêla à minha cabeceira,  
Rodeada de poesia,  
Tão bella como no dia  
Em que vi-te a vez primeira!

(ABREU, 1866, p. 246)

Estamos perante uma poesia de luz. Mesmo quando a morte é anunciada:

Se a morte colher-me em breve,  
Pede ao vento que te leve  
O meu suspiro final;  
—Será queixoso e sentido,  
Como da rôla o gemido  
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa  
Se mais longa Deus m'a dera,  
Porque é linda a primavera,  
Porque é doce este arrebol,  
Porque é linda a flor dos annos  
Banhada da luz do sol!

(ABREU, 1866, p. 247)

A Morte, enquanto símbolo, é então o aspecto perecível e destruidor da existência; é a ceifeira da vida, única responsável pelo que desaparece na inelutável evolução das coisas. Mas, é também a introdutora nos mundos desconhecidos dos Infernos ou Paraísos. Ela é simultaneamente revelação e introdução, liberta das forças negativas e regressivas, desmaterializa e liberta as forças ascensionais do espírito. A Morte assume,

desta forma, muitos significados. Libertadora das penas e preocupações, não deve ser entendida como um fim em si, mas como a própria condição do progresso e da vida – o caminho que conduz ao reino do espírito, à vida verdadeira – *mors janua vitae* (a morte porta da vida):

Mas se Deus cortar-me os dias  
No meio das melodias,  
Dos sonhos da mocidade,  
Minh'alma tranquilla e pura  
À beira da sepultura  
Sorrirá á eternidade.

(ABREU, 1866, p. 247)

Uma luz profunda, símbolo patrístico do mundo celeste e da eternidade, que é não só renovação, mas também imagem do Corpo, enquanto paixão contida, enquanto ligação umbilical com o Cosmos, com o Amor; enquanto amor impossível:

#### SEGREDOS

Eu tenho uns amores—quem é que os não tinha  
Nos tempos antigos?—Amar não faz mal;  
As almas que sentem paixão como a minha,  
Que digam, que fallem em regra geral.  
—A flor dos meus sonhos é moça e bonita  
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,  
Mas onde ella mora, que casa ella habita,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,  
Seus labios de rosa, a falla é de mel,  
As tranças compridas, qual livre bacehante,  
O pé de creança, cintura de anel;  
—Os olhos rasgados são cor das saphiras,  
Serenos e puros, azues como o mar;  
Se fallam sinceros, se pregam mentiras,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! hontem no baile com ella walsando  
Senti as delicias dos anjos do céu!  
Na dança ligeira qual sylpho voando  
Cahiu-lhe do rosto seu candido véo!  
—Que noite e que baile!—Seu halito virgem  
Queimava-me as faces no louco walsar,  
As fallas sentidas que os olhos fallavam  
Não posso, não quero, não devo contar!

(ABREU, 1866, p. 158)

Pedra angular da sua obra é também o pacto que a sua poesia estabelece com a força pura da palavra – o Verbo. Ao alternar imagens exteriores com interiores, numa luta anunciada com a morte, com o corpo «espedaçado», ora fonte de desejo, ora de claro sofrimento e tormento eterno; a palavra não é mais do que a ponte entre o Céu e a Terra, a Alma e o Corpo. Daqui resulta um universo de sensações que são o lugar de arrebatamento, com o desejo e a imaginação a convocá-las, uma epistemologia dos sentidos, que constrói o erotismo e a sensualidade na relação com os seres, os acontecimentos, a corporeidade da existência, onde a Mulher desperta os mais íntimos desejos, todos eles inatingíveis. É precisamente neste jogo duplo manifestado pelo *desejo* e a não *concretização* desse mesmo desejo que o autor se regenera para novamente mergulhar na perda de sentido da própria vida:

Hontem—sósinhos—eu e tu, sentados,  
Nos contemplamos, quando a noite veio:  
Queixosa e mansa a viração dos prados  
Beijava o rosto e te aflagava o seio,  
Que palpitava como—ao longe—o mar,  
E lá no céu esses rubins pregados  
Brilhavam menos, que teu vivo olhar!

Có'a mão nas minhas, no silencio augusto,  
Tu me fallavas sem mentido susto,  
E nunca a virgem, que a paixão revela,  
Passou-me em sonhos tão formosa assim!  
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bella,  
Eu disse aos astros:—dai o céu a ella!  
Disse a teus olhos:—dai amor p'ra mim!

(ABREU, 1866, p. 275)

À simplicidade da matéria poética corresponde o amaneiramento paralelo da forma. Casimiro de Abreu desdenha o verso branco e o soneto, prefere a estrofe regular que melhor transmite o ritmo mais cantante. É através de um estilo espontâneo que transmite emoções simples e ingénuas.

Engana-se o leitor que pensa encontrar na sua obra uma poética mais ligada ao instinto carnal de Junqueira Freire ou aos desejos macerados de Álvares de Azevedo. Nela, encontramos antes a sensualidade contida, inocente, mas já com alguns laivos de malícia. Veja-se o poema «Violeta», onde o divinamente intocável dá lugar ao desejo

erotizado do corpo. Ao transfigurar-se numa *borboleta*, o poeta liberta a sua sensualidade contida:

Sempre teu labio sevêro  
Me chama de borboleta!  
—Se eu deixo a rosa do prado,  
É só por ti—violeta!

Tu és formosa e modesta,  
As outras são tão vaidosas!  
Embora vivas na sombra  
Amo-te mais do que às rosas.

A borboleta travêssa  
Vive de sol e de flores...  
—Eu quero o sol de teus olhos,  
O nectar dos teus amores!

Captivo de teu perfume  
Não mais serei borboleta;  
—Deixa eu dormir no teu seio,  
Dá-me o teu mel—violeta!

(ABREU, 1866, p. 177)

Fecha-se o *álbum* e com ele as folhas de uma vida, repletas de emoções, marcadas pelo pensamento singelo, pela pulsão poética do corpo, pela pureza dos sentimentos, pela dor, pelo «viver na Primavera», pelo silêncio eterno da Alma e do corpo, memória e marca dos tempos vividos:

Se eu fosse amado!...  
Se um rosto virgem  
Doce vertigem  
Me dêsse n'alma  
Turbando a calma  
Que me enlanguece!...  
Oh! se eu pudesse  
Hoje—sequer—  
Fartar desejos  
Nos longos beijos  
D'uma mulher!...  
Se o peito morto  
Doce conforto  
Sentisse agora  
Na sua dor;  
Talvez n'est'hora  
Viver quizera  
Na primavera  
De casto amor!  
Então minh'alma,  
Turbada a calma,  
—Harpa vibrada  
Por mão de fada—

(Abreu, 1866, pp. 191-192)

## REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de – *As Primaveras*, 2ª edição (acrescentada com poesias inéditas), Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1866.